

Caminhos e encruzilhadas. O ensino e a investigação em arqueologia na Faculdade de Letras U.P.

Rui CENTENO
UP/FLUP-CITCEM
Teresa SOEIRO
UP/FLUP-CITCEM
Maria de Jesus SANCHES
UP/FLUP-CEAUCP

Resumo

Este trabalho aborda algumas das linhas principais de desenvolvimento da investigação e do ensino da arqueologia na cidade do Porto, num primeiro momento desde o início do século XX até à reabertura da Faculdade de Letras U. P., destacando depois a importância desta escola na criação de uma licenciatura e estudos de pós-graduação em arqueologia. Também é referido o papel relevante da FLUP no desenvolvimento de projetos de investigação inovadores e na participação em programas de preservação, valorização e divulgação do património.

Palavras-chave: ensino da arqueologia; investigação em arqueologia; arqueologia no Porto; arqueologia na FLUP.

Abstract

This paper addresses some of the major lines of development of research and teaching of archaeology in Oporto, first, since the early twentieth century until the reopening of the Faculty of Arts U. P. and later emphasizing the importance of this school in the creation of undergraduate and graduate studies in archaeology. Also noted is the role of the Faculty in developing innovative research projects and programs for the preservation, development and promotion of heritage.

Key-words: teaching of archaeology; research in archaeology; archaeology in Oporto; archaeology at FLUP.

No dealbar do século XX, a cidade do Porto reunia um notável grupo de investigadores agregados em torno do projecto *Portugalia*, encruzilhada de vontades

que trouxe a público, nesses conturbados e derradeiros anos da monarquia, dois preciosos volumes (1899-1903 e 1905-1908), preenchidos com artigos de fundo e notícias em que a arqueologia tinha importante quota, ainda mais significativa do que a que já ocupara na tentativa pioneira, a *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes* (5 vol., 1889-1898), da Sociedade Carlos Ribeiro (fundada em 1887), também ela dirigida por Ricardo Severo e Rocha Peixoto (com Wenceslau de Lima, director da Escola Médico-Cirúrgica) e capaz de reunir as melhores colaborações, de âmbito nacional.

Estes homens lideravam, simultaneamente, o combate pela requalificação do Museu Municipal do Porto¹, detentor, entre outro espólio, de uma *indigente* colecção de arqueologia, apresentada em secção própria no respectivo *Guia* elaborado por Rocha Peixoto, em 1902: «*Como há meio século, esta secção comporta objectos de arqueologia egípcia, pouco mais das ruínas de Pompeia, uma estatueta pré-romana com legenda epigráfica em idioma ibérico e algumas peças ou fragmentos de mosaico e vasilhame romanos. Posteriormente anexou-se-lhes um indigente mobiliário neolítico e das idades dos metais, nacional ou sem origem conhecida, e bem assim a sepultura romana adquirida pelo município, que é a máxima preciosidade do Museu*»². Não se conformava o Conservador do Museu, delineando no próprio guia um programa de acção para reverter a passada incúria: «*A acção directa do Museu, uma vez provido de recursos e de espaço, o sistema das delegações para exploração e recolta, o estabelecimento de depósitos mais ou menos longos das colecções particulares, as ofertas espontâneas derivadas do ensinamento e do estímulo, mesmo os legados, ao diante, compensariam acaso, num futuro ainda remoto, a inércia já tradicional em que se quedou o Museu do Porto*»³. O registo, estudo e divulgação de importantes achados ocasionais nas páginas da *Portugalia*, bem como do espólio de algumas campanhas de escavação arqueológica de iniciativa própria (p.e. Castro de Terroso), veio, de facto, mostrar oportunidades através das quais se podiam enriquecer as colecções preservando o património.

Porém, a prístina morte de Rocha Peixoto (1909), as vicissitudes políticas e a necessidade de prosseguir caminhos personalizados, nomeadamente depois da definitiva partida (1908) para o Brasil de Ricardo Severo, o proprietário da *Portugalia*⁴, goraram breve o esforço conjunto desta geração de cientistas apostados no *progresso* da humanidade pelo conhecimento e apoiantes do ideário republicano. Mas logo a cidade veria nascer novo programa de investigação e museologia, inclusiva da arqueologia, desta vez dentro da jovem universidade, hoje centenária.

Coube a Mendes Correia (1888-1960) a concretização, em 1912, do Laboratório e Museu Antropológico⁵, efectivamente reinstalado em 1935 como *Sala de Antropologia*

¹ ALMEIDA, António Manuel Passos - *Museu Municipal do Porto: das origens à sua extinção (1836-1940)*. Porto: FLUP, 2008, p. 91 e segs. (diss. mestrado).

² PEIXOTO, Rocha - *Guia do Museu Municipal do Porto*. In GONÇALVES, Flávio (org.) - *Rocha Peixoto. Obras*. Vol. 2. Póvoa de Varzim, 1972, p. 86

³ idem, *ibidem*, p. 88-89

⁴ MELLO, Joana - *Ricardo Severo, da Lusitânia ao Piratininga*. Dafne Editora, 2007, p. 51.

⁵ SANTOS JÚNIOR, J. R. dos - *Museus da Faculdade de Ciências do Porto*. Porto, 1963, p. 8-10; GONÇALVES, António Huet Bacelar - O prof. doutor Mendes Corrêa, In *Museus da Faculdade: os fundadores*. Porto, 1991. Teria sido, porém, criado logo em 1911, como Museu do Instituto de Antropologia

Geral e Metropolitana (actualmente Sala de Arqueologia e Antropologia Mendes Correia, do Museu de História Natural da Universidade do Porto), mas não aberta ao público. Estava sediado na Faculdade de Ciências, onde deram entrada espólios recolhidos em escavações arqueológicas realizadas pelo próprio e por outros investigadores do centro, bem como doações e depósitos e ainda dois conjuntos forâneos - colecção egípcia⁶ e colecção de vasos gregos⁷-, primeiramente entregues à Faculdade de Letras U.P. (1919-1928/31) onde Mendes Correia era docente de Arqueologia⁸, resultantes de um rocambolesco processo internacional de apreensão e devolução de bens patrimoniais que decorreu durante e imediatamente após a primeira guerra mundial.

Não sendo o cerne da actividade do Laboratório/Instituto Dr. Mendes Correia, a investigação em arqueologia teve nesta instituição importantes cultores, como demonstram: a referida colecção, importante para a investigação e divulgação da arqueologia (da pré-história antiga ao período romano), as publicações monográficas e as contribuições em obras de síntese. Concomitantemente, nas mesmas instalações e, em grande medida, pela dinâmica da mesma equipa, é estabelecida em 1918 a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, que atinge destaque pela edição da revista *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia* (1919-), reconhecida internacionalmente⁹ e angariadora de permutas que permitiram a constituição daquela que foi, durante décadas, a melhor biblioteca da especialidade na cidade do Porto.

Pouco posterior e por iniciativa estatal decorrente das competências que no Código Administrativo de 1936 eram atribuídas às Juntas de Província e respectivas Comissões de Etnografia e História¹⁰, a cidade será dotada de um outro pólo museológico onde a arqueologia, apesar de subordinada ao primado da Etnografia, também obteve o seu espaço¹¹. O Núcleo Organizador do Museu de Etnografia e História do Douro Litoral¹² era composto por Pedro Vitorino (falecido antes da inauguração), Augusto

U.P. ou Museu Antropológico do Porto, dispondo de precárias condições, vd. Museu Antropológico do Porto. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto, vol. 3 (1926), p. 58-61.

⁶ CUNHA, Maria José; SOUSA, Rogério Ferreira de - A colecção de antiguidades egípcias do Museu de História Natural da Universidade do Porto. *Revista da Faculdade de Letras - História*. Porto, 3ª série, vol.7 (2006), p. 235-241; ARAÚJO, Luís Manuel de - *A colecção egípcia do Museu de História Natural da Universidade do Porto*. Porto, 2011.

⁷ PEREIRA, Maria Helena da Rocha; MORAIS, Rui - A colecção de vasos gregos do Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. *Humanitas*. Coimbra, 59 (2007), p. 3-28.

⁸ No final de 1922 foi substituído na docência por Aarão de Lacerda.

⁹ Atente-se na impressionante lista de personalidades de renome internacional inscritos como sócios honorários e sócios correspondentes: *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto, vol. 2 (1926), p. 352-354.

¹⁰ Competia-lhes deliberar, segundo o art.258, nº3 e entre outros assuntos de interesse patrimonial «sobre os inventários das reliquias arqueológicas e históricas, dos monumentos artísticos e das belezas naturais existentes nas províncias».

¹¹ *Roteiro do Museu de Etnografia e História da Província do Douro Litoral*, 2ª ed., Porto, 1952

¹² *Museu de Etnografia e História da Província do Douro Litoral*. Porto, 1946; LIMA, Augusto César Pires de - O Museu de Etnografia e História da Província do Douro Litoral. *Douro Litoral*. Porto, 2ª série, vol. 4(1946), p. 3

César Pires de Lima (que o dirigiu por muitos anos), Bertino Dacio Guimarães, Abílio Miranda (depois no Museu de Penafiel) e António Santos Graça (Museu da Póvoa de Varzim), todos eles já elementos da Comissão, juntamente com Fernando de Magalhães Meneses, José de Sá Coutinho, Armando Leça e Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, importando realçar que este último pertencia à Faculdade de Ciências e Instituto Dr. Mendes Correia, e se manteve durante décadas como líder da Sociedade.

É para o novo museu da Junta de Província que vão ser encaminhadas parte das colecções do antigo Museu Municipal, nomeadamente as de arqueologia. Outros conjuntos significativos resultaram de escavações arqueológicas de iniciativa própria, não muito frequentes, como as que decorreram no Castro de Monte Mozinho (entre 1943 e 1954)¹³. Já o conhecimento de achados fortuitos foi potenciado pela rede de informadores e colectores disseminada pelo distrito, ao nível municipal e da malha escolar. Por esta via entraram nas reservas, por exemplo, vários conjuntos de necrópoles de época romana. Parece-nos também importante a abertura e cultivo de áreas disciplinares menos consideradas nas instituições precedentes como o estudo sistemático da epigrafia medieval do distrito feito por Armando de Mattos¹⁴, na sequência do labor de Pedro Vitorino. Inovadora na região mostrou-se, na década de sessenta, a tentativa de carta arqueológica ensaiada por Fernando Lanhas e Domingos de Pinho Brandão, ainda que a execução cubra apenas segmentos muito restritos do território¹⁵. Os resultados destas acções foram publicados nas revistas *Douro Litoral* (1940-1959) e *Revista de Etnografia* (1963-1972), em séries monográficas e em actas de reuniões internacionais que o museu promoveu ou apoiou.

Toda dinâmica enunciada mostrou-se ainda muito relevante pelo efeito multiplicador que teve nos municípios do distrito que, dentro da dimensão possível e com especificidades próprias, seguiram o modelo da instituição que os tutelava, despertando a atenção das Comissões Municipais para as ocorrências arqueológicas, o que levou quer ao registo de sítios quer à salvaguarda de materiais que integraram as respectivas colecções, por vezes tendo passado antes, na condição de depósitos temporários, pelo Museu de Etnografia e História¹⁶.

Uma outra via aberta desde a segunda metade da década de vinte do século passado¹⁷, primeiro a partir do Instituto Dr. Mendes Correia e Sociedade de Antropologia e Etnologia, logo reforçada pela acção do Museu de Etnografia e História, favoreceu o continuado entrosamento entre investigadores do norte de Portugal e da Galiza, paradigmaticamente consolidado pela parceria formada entre o jovem Rui de Serpa

¹³ SOUSA, Elísio Ferreira de - Relatório das escavações levadas a efeito no Monte Mozinho. *Douro Litoral*. Porto, 6ª série, vol. 5/6 (1954), p. 136-149.

¹⁴ Artigos publicados na revista *Douro Litoral* de 1946 a 48; MATTOS, Armando - *Algumas inscrições medievais do Douro Litoral*. Porto, 1947

¹⁵ LANHAS, Fernando; Brandão, Domingos de Pinho - Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico. *Revista de Etnografia*. Porto, nº 8 (1965), p. 275-323.

¹⁶ Sirva como exemplo o caso penafidense: SOEIRO, Teresa - Um Museu Municipal para Penafiel. 1884 - 1974. *Portugalia*. Porto. Nova série, vol. 15 (1994), p. 106 e segs.

¹⁷ SOEIRO, Teresa - «Menos mal que nos queda Portugal». *Boletín da Real Academia Galega*. A Coruña, nº 365 (2004), p. 217-365.

Pinto e o veterano Florentino López Cuevillas para o estudo da arqueologia da Idade do Ferro do noroeste¹⁸.

O Porto e a sua região não estavam, pois, desprovidos de investigadores e colecções de arqueologia quando, em meados do século XX, ainda antes da efectiva reabertura da Faculdade de Letras no ano lectivo 1962/63, a disciplina despertou o interesse de novos cultores, desta feita reunidos no Centro de Estudos Humanísticos, anexo à Universidade do Porto. A biografia deste Centro remonta a 1947, tendo sido criado pelo Instituto de Alta Cultura e Câmara Municipal (nesse momento ambos dirigidos por intelectuais ligados à U.P.) certamente para colmatar o vazio sentido com o encerramento daquela escola¹⁹.

Para além da organização de conferências, reuniões e visitas de estudo, a instituição vai, a partir de 1953 (até ao nº 12 de 1969), editar uma publicação periódica, intitulada *Stvdium Generale. Boletim do Centro de Estudos Humanísticos*, aberta a trabalhos dos colaboradores e de destacados investigadores nacionais. Nela encontramos estudos de cultura clássica, introduzidos desde o primeiro número por Maria Helena da Rocha Pereira, mas apenas no quinto (1958) surgirá um artigo de arqueologia, da autoria de Adriano Vasco Rodrigues, reportando *Novos elementos para o estudo da Idade do Bronze: a estela de Meimão* (p. 120-125). Acompanham-no dois outros de Octávio Lixa Filgueiras²⁰, já sobre arqueologia naval, dentro da original linha de investigação que prosseguirá toda a vida e lhe angariou o reconhecimento internacional. Contamos mais duas colaborações parcialmente dedicadas a temáticas arqueológicas, mas interessa sobretudo salientar a realização e publicação das actas do I Colóquio Portuense de Arqueologia, que decorreu no Porto e Guimarães, em 1961, e ocupa todo o tomo primeiro do volume nove. Foi presidido por Luís de Pina, tendo como vice-presidente Domingos de Pinho Brandão e secretário-geral Adriano Vasco Rodrigues²¹. Este,

¹⁸ LOPEZ CUEVILLAS, Florentino; PINTO, Rui de Serpa – Estudos sobre a Idade do Ferro no Noroeste da Península: a relixió. *Arquivos do Seminário de Estudos Galegos*. Santiago de Compostela, vol. 6 (1933), p. 1-71; LOPEZ CUEVILLAS, Florentino; PINTO, Rui de Serpa – Estudos sobre a Idade do Ferro no Noroeste da Península: as tribos e a sua constituizón política. *Arquivos do Seminário de Estudos Galegos*. Santiago de Compostela, vol. 6 (1933), p. 263-293

¹⁹ Centro de Estudos Humanísticos. Breve notícia da sua criação, organização e inauguração solene. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Porto, 10(1948), p. 293-326.

²⁰ FILGUEIRAS, Octávio Lixa - A lanchara poveira e o saveiro de Valbom. *Stvdium Generale*. Porto, vol. 5 (1958), p. 157-161. Esta comunicação foi apresentada no 1º Congresso de Etnografia e Folclore, que teve lugar em Braga, de 22 a 25 de Junho de 1956, e publicada nas respectivas actas: *Actas do 1º Congresso de Etnografia e Folclore*. Lisboa: Junta da Acção Social, vol.2, 1963, p. 369-374. Idem - A arte da construção no estudo das tradições navais. *Stvdium Generale*. Porto, vol. 5 (1958), p. 203-215. Comunicação apresentada no III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, que teve lugar em Setembro de 1957.

²¹ O II Colóquio Portuense de Arqueologia teve lugar em 1962 e as actas estão publicadas na *Lucerna*. Porto, vol. 3 (1963); o III Colóquio foi em 1964 e as comunicações encontram-se na *Lucerna*. Porto, vol. 4 (1965); e a quarta edição ocorreu em 1965, com registo na *Lucerna*. Porto, vol. 5 (1966), último número da primeira série da revista. O V Colóquio, realizado em 1966, apenas teria as actas publicadas quase duas décadas depois: *Lucerna*. Porto, 2ª série, vol. 1 (1985-86). Já o VI Colóquio aconteceu em 1987, tendo como organizadores, oradores e participantes uma outra geração de arqueólogos: *Lucerna*. Porto, 2ª série, vol. 3 (1993).

professor do ensino secundário, começara dentro do Centro, em 1958, um curso de Arqueologia Peninsular²². No ano seguinte, a Epigrafia Latina também seria conteúdo para outro curso ministrado por D. Pinho Brandão. Aliás, pela sua mão, a arqueologia fazia também parte da formação ministrada no Seminário Maior, havendo nesta instituição, desde 1958, um Museu de Arqueologia e Arte (hoje Museu de Arte Sacra e Arqueologia). Este alertar dos futuros eclesiásticos da diocese do Porto para o património arqueológico veio a dar importantes frutos, quer pela preservação e estudo de achados levados a cabo pelos próprios, quer pela abrangente rede de informadores que, baseada nos laços então criados, permitiu uma mais acessível comunicação com especialistas, capacitados para a investigação e leitura integrada das ocorrências.

Em simultâneo com o I Colóquio, e sublinhando a importância e relativa autonomia que a arqueologia ganhara, é em 1961 lançado o primeiro número de uma publicação especializada, a *Lucerna. Cadernos de Arqueologia do Centro de Estudos Humanísticos* (1961-1993), inicialmente animada pelos dois investigadores antes mencionados, que para qualificar a sua formação em arqueologia de campo se deslocam à Alemanha, onde realizam estágios com reputados arqueólogos europeus²³.

No verão do mesmo ano de 1961 seria restaurada a Faculdade de Letras (decreto-lei nº 43864 de 17 de Ag.), que abriu a leccionação no ano 1962/63, passando a atribuir, entre outros, os graus de licenciatura em História e doutoramento em Arqueologia e História da Arte. Do currículo da licenciatura, revisto segundo da reforma de 1957 (decreto nº 41341 de 30 de Out.), faziam parte as disciplinas anuais de Pré-História e de Arqueologia, várias de Civilização e Cultura Pré-clássica e Clássica e, como semestrais, Epigrafia e Numismática. Sem corpo docente doutorado da especialidade, nestes primeiros anos ficaram a cargo de Sérgio da Silva Pinto e Flórido de Vasconcelos. Estávamos perante uma conjugação de percursos que ligava a Faculdade com o Centro que a precedeu, equilíbrio alterado pelas importantes funções públicas entretanto atribuídas aos principais mentores deste.

Não fora isso e a situação talvez não tivesse sofrido grande alteração até à entrada em vigor do novo plano de estudos, publicado em 1968 (decreto nº 48627 de 12 de Outubro), um curso de licenciatura em História em duas etapas, o bacharelato de três anos em que era obrigatória a disciplina de Pré-História e as de História Pré-Clássica, Grega e Romana; e outros dois anos para completar a licenciatura, com Arqueologia (anual) e Epigrafia e Numismática (semestrais) no 4º ano e um Seminário final, de ponderação superior, que se veio a mostrar interessante como espaço de iniciação à investigação, também para a Arqueologia.

A fim de leccionar, a partir de 1968/69, estas unidades curriculares de Pré-História e Arqueologia, foi contratado um recém-licenciado formado na própria Faculdade - Carlos Alberto Ferreira de Almeida - que acabara de terminar o curso

²² Certamente que relacionado com esta experiência, Adriano Vasco Rodrigues publica, em 1961, um manual de síntese da arqueologia peninsular: *Arqueologia da Península Hispânica - Do paleolítico à romanização*. Porto: Porto Editora.

²³ RODRIGUES, Adriano Vasco - A técnica alemã de escavação arqueológica. *Lucerna*. Porto, vol. 1 (1961), p. 89-105; BRANDÃO, D. de Pinho - Escavações arqueológicas em Xanten-Alemanha. *Lucerna*. Porto, vol. 1 (1961), p. 120-156.

com a apresentação da dissertação subordinada ao tema *Vias Medievais I. Entre-Douro-e-Minho*. Primeiro docente e investigador de Arqueologia (e História da Arte) em dedicação exclusiva, cruzara no seu itinerário formativo, e já como autor, com muitas das instituições antes mencionadas. Os dois primeiros trabalhos publicara-os na revista *Douro Litoral*, os seguintes na *Revista de Etnografia* e os imediatos na *Lucerna*, uma vez tratar-se de comunicações apresentadas ao III e IV Colóquios Portuenses de Arqueologia²⁴. Realizou também investigação no Museu de Antropologia e era utente da biblioteca e frequentador dos eventos organizados pela Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

*

Com a estabilização do plano curricular, o novo assistente da área da Arqueologia (e História da Arte) e cada vez mais estudantes inscritos na licenciatura, começou a enraizar-se na própria Faculdade, na viragem da década, um clima propício à investigação nesta área. Aliás, no primeiro número (1970) da então criada *Revista da Faculdade de Letras - série História*, dois dos quatro estudos publicados são deste docente, com a originalidade de o segundo - *Ainda o documento XIII dos «Diplomata et Chartae»*²⁵ - voltar à duradoura discussão sobre a organização do território e a paisagem de Entre-Douro-e-Minho na Idade Média, desta vez com metodologia nova porque fundamentada no cruzamento de fontes arqueológicas e documentais.

A renovação, ou melhor, construção de um caminho não se ficou por aqui. Na vertente ensino, a mudança resultou da introdução da componente de trabalho de campo, realizado em parceria com Eugénio dos Santos na estação-escola do Castro de Fiães (Feira)²⁶, onde os estudantes podiam aprender experimentalmente os métodos de escavação e registo. Seguiu-se, para os que assim o desejassem, as tarefas de pré-tratamento e estudo dos materiais. Mas também neste domínio algo mudara, agora o espólio era associado ao registo estratigráfico e estudado no seu conjunto, classificado segundo referências tipológicas internacionais, bibliografia especializada que a biblioteca da FLUP foi adquirindo. Mais ainda, o programa de investigação²⁷ compreendia, em

²⁴ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - Um aspecto do culto dos rios na Lusitânia. *Douro Litoral*. Porto, série 8, vol. 9 (1958), p. 873-887; - Duas inscrições romanas da «Civitas Sanctae Mariae». *Douro Litoral*. Porto, série 9 vol. 1 (1959), p. 161-166; - Ementação das almas: Rezas da ceia. *Revista de Etnografia*. Porto, vol. 3, tomo 1 (1964), p. 41-68; - Senhora da Abadia. *Revista de Etnografia*. Porto, vol. 2, tomo 2 (1964), p. 303-308; - O problema das casas redondas castrejas. *Lucerna*. Porto, vol. 4 (1965), p. 196-204; - O documento 13 dos «Diplomata et Chartae». *Lucerna*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos. Vol. 5 (1966), p. 635-642; - Carácter mágico do toque das campainhas: Apotropaicidade do som. *Revista de Etnografia*. Porto, vol. 6, tomo 2 (1966), p. 339-370.

²⁵ *Revista da Faculdade de Letras: Série de História*. Porto, vol. 1 (1970), p. 97-107.

²⁶ ALMEIDA, Carlos Alberto F. de; SANTOS, Eugénio dos - O castro de Fiães. *Revista da Faculdade de Letras: Série de História*. Porto, vol. 2 (1971), p. 147-168; idem - O castro de Fiães (II). *Revista da Faculdade de Letras: Série de História*. Porto, vol. 3 (1972), p. 207-214.

²⁷ A partir de 1972 inserido no Projecto de Investigação PL-2 do Instituto de Alta Cultura.

paralelo, a recuperação de espólios depositados em museus²⁸, provenientes dos sítios intervencionados, para assim alcançar uma melhor compreensão da história do local, sempre tendo em vista o enquadramento global.

Fruto desta pedagogia motivadora foi a publicação, logo no segundo número da revista, de *trabalhos elaborados por alunos*, como se diz em nota da redacção. O autor é António Cardoso²⁹, de facto um aluno e colaborador muito especial. Outros, fundamentais para a dinâmica dos projectos, se iriam agregar no decorrer dos anos, como ficou registado nas notas de agradecimento. Multiplicadas foram também as intervenções e escavações de fôlego, de que realçamos a efectuada na Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira 1972-1974), onde antes haviam trabalhado Eugénio Jalhay e Afonso do Paço. Esta é a terra natal de Armando Coelho Ferreira da Silva, por essa via envolvido desde a juventude nas lides arqueológicas (participa nas escavações de Sanfins desde 1957), que tiveram seguimento no Porto, junto do Centro de Estudos Humanísticos, onde publicou o seu primeiro trabalho³⁰.

Durante as campanhas de escavação de 1972 e 73 foi posto a descoberto, entre outras áreas edificadas, o *monumento com forno* de Sanfins, apresentado à comunidade científica nesse ano, por ocasião do III Congresso Nacional de Arqueologia³¹, realizado na Faculdade de Letras U.P. O evento, de dimensão internacional, deu projecção à investigação e ensino da especialidade que se consolidava nesta escola. Meses depois fazia-se a revolução de Abril de 74 e a arqueologia tomava, como o país, novos rumos, por caminhos que, a partir desta encruzilhada, se desmultiplicaram com a diáspora das primeiras gerações de licenciados aqui formados para a investigação arqueológica.

*

A partir de 1974, o número de estudantes da FLUP cresce exponencialmente, assim como a criatividade na concepção dos currículos, alargando as possibilidades de escolha e a formatação específica, ainda que embrionária, designada *pré-especialização em Arqueologia* (seminários e quatro disciplinas da área). Após a uniformização curricular de 1978 (decreto 53/78 de 31 de Maio) surge a variante de História da Arte e Arqueologia (Despacho nº 208/78 de 27 de Julho). Foi neste ambiente que a Faculdade viu o seu corpo docente da especialidade passar de um para seis docentes (Carlos Alberto F. de Almeida; Manuela Delgado; Vítor O. Jorge; Armando Coelho F. da Silva; Rui Centeno e Susana O. Jorge), que viriam a formar o Instituto de Arqueologia, pensado desde 1974 mas formalmente reconhecido apenas em 1979³².

²⁸ Esta atenção aos sítios e achados arqueológicos decorria também da função de vogal da Junta Nacional de Educação.

²⁹ CARDOSO, António - Subsídio para o estudo das telhas romanas. *Revista da Faculdade de Letras: Série de História*. Porto, vol. 3 (1972), p. 201-208.

³⁰ SILVA, Armando Coelho F. da - Interpretação histórica dos dados arqueológicos. *Lucerna*. Porto, vol. 5 (1966), p. 710-718.

³¹ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - O monumento com forno de Sanfins e as escavações de 1973. In *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*. Porto, vol. 1. 1974, p. 149-172.

³² A funcionar em salas cedidas pelo Conselho Diretivo da Faculdade, em 16 Março de 1977, então

No ano seguinte editava o primeiro número da nova série da revista *Portugalia*, que ainda se publica³³.

Fora da escola, eram os municípios e associações a pressionar para que se fizessem inventários, campanhas de escavação, publicações e muitas outras acções de defesa e divulgação patrimonial, um despertar com fome de intervenção e enorme disponibilidade para o voluntariado. Não é possível aqui sumariar os muitos projectos e sítios arqueológicos onde veio a ser realizado trabalho na segunda metade da década de setenta, ficaremos, por isso, pelos paradigmáticos.

A Carlos Alberto Ferreira de Almeida coube continuar as escavações que já vinham de trás, mantendo no Castro de Fiães, ao longo do ano, a componente regular de formação prática. Chegada a interrupção lectiva, regressou por uma última vez à Citânia de Sanfins, para de seguida mergulhar em nova proposta, a escavação sistemática do Castro de Monte Mozinho³⁴, pedida anos antes, mas que agora não podia esperar porque uma associação - Centro Cultural Penafidélis - estava já no terreno, com toda a logística montada e uma dinâmica imparável, a ponto da publicação dos resultados ter vindo a público pouco mais de um mês depois de terminada a primeira campanha³⁵. Mas foram sobretudo os trabalhos dos anos seguintes, a metodologia implícita na respectiva publicação e a presença em reuniões e cursos realizados em Espanha³⁶, que calaram fundo nos estudos sobre a romanização do noroeste, por essa época igualmente discutida a partir de outras fontes.

Mas se Mozinho questionava os impactos da presença romana, a intervenção no Castro de S. Estevão da Facha, que dirigiu em 1979-1980³⁷, permitiu rever toda a diacronia da idade do ferro do noroeste, ancorada numa sequência estratigráfica invulgar e na presença de materiais de importação bem datados, como a cerâmica grega. Também para a arqueologia medieval esta escavação/publicação foi inovadora, quando

presidido por Manuela Delgado. Em 1980 surge junto do Instituto o Gabinete de Carta Arqueológica.

³³ Carlos Alberto Ferreira de Almeida teve ainda ensejo de criar uma revista de arqueologia, a *Archaeologica Opuscula. Miscelânea de Arqueologia Nortenha*, editada pela Livraria Fernando Machado (Porto), de que saiu apenas o primeiro número, em 1975.

³⁴ Não se tratava apenas de escavar e estudar os resultados, houve também voluntarismo para percorrer as freguesias envolventes numa acção de divulgação e pedido de protecção para o património que era seu: SOEIRO, Teresa - Monte Mozinho: 25 anos de trabalhos arqueológicos. Homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida. *Cadernos do Museu*. Penafiel, vol. 2, p. 11-22.

³⁵ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *Escavações no Monte Mozinho (1974)*. Penafiel: Centro Cultural Penafidélis, 1974.

³⁶ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *Escavações no Monte Mozinho II. 1975-1976*. Penafiel: Centro Cultural Penafidélis, 1977; ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *Arquitectura e arte castrejas. A sua lição para os fenómenos de assimilação e resistência*. In *Asimilación y Resistencia a la Romanización en el Norte de Hispania*. Vitoria, Universidad del País Vasco, 1985, p. 79-101; ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *A casa castreja. Memórias de História Antigua*. Oviedo, vol. 6 (1984), p. 35-42; ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *O castrejo sob o domínio romano: a sua transformação*. In *Estudios de Cultura Castrexa e de História Antigua de Galicia*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 1983, p. 187-198.

³⁷ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de e outros - *Escavações arqueológicas em Santo Estêvão da Facha*. *Arquivo de Ponte de Lima*. Ponte de Lima, vol. 3 (1980), p. 3-90.

menos pelo facto de terem sido estudados, em paridade com os demais, as unidades estratigráficas e espólio da época, devidamente contextualizados, e não ignorados e descartados como era prática comum. Lembremos que Carlos Alberto Ferreira de Almeida havia apresentado, em 1978, a sua tese de doutoramento *Arquitectura Românica de Entre-Douro-e-Minho*, acompanhada da prova complementar dedicada à *Castelologia Medieval de Entre-Douro-e-Minho. Desde as Origens a 1220*.

A criação de um programa de investigação em Pré-história no Norte de Portugal³⁸, campo disciplinar que pelos percursos e contextos expostos estava quase ausente, deve-se ao início das escavações, em 1976, na necrópole megalítica da Serra de Campelos (Lustosa-Lousada), co-dirigida por Vítor Oliveira Jorge e Armindo de Sousa, e particularmente à organização pelo primeiro do Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira (Baião, Amarante e Marco de Canaveses) – 1978-1988 –, ancorado institucionalmente no Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto (GEAP). Quase de seguida, em 1980, é criada a revista *Arqueologia*³⁹, propriedade e edição do mesmo Grupo, que escolhe aquele docente para director. Lembremos que o GEAP é uma associação cultural e científica fundada em 1977 por estudantes da FLUP, contando desde o seu início com a colaboração, como consultores científicos, de docentes da mesma escola e do então responsável pelo Museu do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, o geólogo António Huet Bacelar Gonçalves.

O sucesso inquestionável, tanto a nível nacional como internacional, do Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira, da revista *Arqueologia* bem como da formulação, pela primeira vez, de uma Pré-história do Norte de Portugal, deve-se à conjugação de vontades pessoais e autárquicas, a orientações programáticas firmes mas por natureza abertas à colaboração com investigadores portugueses, espanhóis e de outros países europeus, e bem assim à articulação estreita com o ensino de carácter prático e a investigação na Faculdade de Letras U.P. O Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira constitui uma mega estação-escola orientada pelos paradigmas da arqueologia espacial, atenta portanto à diacronia dos vestígios materiais no território (da Pré-história à Idade Média) e à pesquisa documental sobre o mesmo, e ainda guiada pelos pressupostos das correntes teóricas enquadradas genericamente na arqueologia processual.

A par das intervenções, extremamente inovadoras nas mamoas (com ou sem dólmenes) que são pela primeira vez assumidas como sendo *o monumento* a estudar, desenvolvem-se nestas e nos povoados pré e proto-históricos da serra da Aboboreira programas de estudos multidisciplinares articulados com as ciências da terra (estudos de sedimentologia, por ex.), ou com as ciências que visam a recuperação das ecologias do passado nas relações destas com as sociedades (palinologia, antracologia,

³⁸ O desenvolvimento dos estudos em Pré-história na Faculdade de Letras da UP é extensa e pormenorizadamente tratado no seguinte texto de Susana Oliveira Jorge: JORGE, Susana O. - A Faculdade de Letras da Universidade do Porto e a Pré-história do Norte de Portugal: notas para a história da investigação dos últimos vinte e cinco anos. In FONSECA, L. A.; AMARAL, L. C.; SANTOS, M. F. (coord.) - *Os Reinos Ibéricos na Idade Média: livro de Homenagem ao Professor Doutor Humberto Carlos Baquero Moreno*. Porto: Livraria Civilização Editora, 2003, p.1453-1481.

³⁹ Revista semestral com publicação ininterrupta de 1980 a 1989, vinte números, a que se seguiram mais cinco esparsos.

carpologia, arqueozoologia, etc.)⁴⁰. Os resultados foram sendo publicados em várias revistas nacionais e internacionais, merecendo destaque a *Arqueologia, Portugalia, Revista de Guimarães* e *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, sendo a primeira obra de referência sobre a Pré-história do Norte de Portugal a tese de doutoramento de Vítor Oliveira Jorge, defendida na FLUP em 1982, com o título *O Megalitismo do Norte de Portugal: Os Monumentos e a sua problemática no contexto Europeu*. Foi neste Campo Arqueológico que se iniciaram ou desenvolveram conhecimentos nos estudos de arqueologia de campo, estudantes que posteriormente vieram a ocupar lugares de docência da especialidade em instituições de ensino superior do Porto, Coimbra e Lisboa.

A partir da década de 1980 e por via de projectos dos docentes e alunos da FLUP, os estudos de povoamento pré-histórico estendem-se a diversas áreas do Norte de Portugal, desfazendo tradicionais abordagens generalistas, ou até erradas, porque passaram a ser alicerçadas em materiais arqueológicos e estruturas habitacionais ou outras, estratigrafadas e datadas pelo radiocarbono, sem nunca esquecer a natural articulação, baseada na continuidade do território e nos vestígios pré-históricos por terras da Galiza e da Meseta Norte. Neste âmbito, é estudada a região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar por Susana Oliveira Jorge, de que resultou a sua tese doutoral, primeira grande síntese sobre o povoamento pré-histórico do Norte de Portugal⁴¹.

Foram igualmente interesses de investigação e a necessidade de preparem as respectivas teses de doutoramento, que motivaram Armando Coelho e Rui Centeno a desenvolver programas de escavação arqueológica em alguns povoados castrejos do noroeste. A longa colaboração que estes dois docentes desde então mantiveram, arrancou em 1977 com a realização de uma sondagem na Citânia de Briteiros, continuada no ano seguinte, que permitiu a apresentação, pela primeira vez para esta paradigmática estação, da análise da estratigrafia registada.⁴²

Também em 1977,⁴³ os dois arqueólogos retomam as escavações da Citânia de Sanfins, abrindo um longo período de trabalhos de campo em que a Citânia voltou a assumir o seu papel de estação-escola, tendo sido fundamental para a formação das centenas de estudantes da Faculdade de Letras do Porto, e também de outras instituições de ensino, que por lá passaram.

⁴⁰ Sanches, Maria de Jesus - Reflectindo sobre a arte dos dólmenes a propósito da evocação do contributo que o arqueólogo Vítor Oliveira Jorge deu para os estudos do megalitismo e suas iconografias. In SANCHES, M.J.; RIBEIRO, J. P.; MONTEIRO-RODRIGUES, S. (coord.) - *Discursos em Arqueologia - Textos oferecidos ao Professor Vítor Oliveira Jorge*. Coimbra - Porto: CEAUCP, 2012, p. 43-66.

⁴¹ JORGE, Susana Oliveira- *Povoados da Pré-História recente da Região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental): bases para o conhecimento do III^a e princípios do II^a milénios AC no Norte de Portugal*. Porto: FLUP,1986.

⁴² SILVA, Armando Coelho Ferreira da; CENTENO, Rui - Sondagem arqueológica na Citânia de Briteiros (Guimarães). Notícia sumária. *Revista de Guimarães*, Guimarães, vol. 87 (1977), p. 277-280 e CENTENO, Rui M. S.; SILVA, Armando Coelho F. da - Corte estratigráfico na Citânia de Briteiros (Guimarães) 1977-78. *Revista de Guimarães*. Guimarães, vol. 88 (1978), p. 421-431.

⁴³ SILVA, Armando Coelho F. da; CENTENO, Rui M. S. - Escavações arqueológicas da Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira) 1977-1978. *Portugalia*, Porto, nova série, vol. 1 (1980), p. 57-78.

Procurando alargar o estudo do povoamento castrejo à área a sul do rio Douro, Armando Coelho e Rui Centeno irão começar, em 1980, escavações arqueológicas no, até então, pouco conhecido Castro de Romariz (Feira), que revelará interessantes dados sobre a chegada ao povoado, a partir dos séculos VII/VI a.C. de cerâmicas gregas e púnicas e também sobre as transformações que a presença romana promoveu na arquitectura doméstica e no modo de vida dos seus habitantes⁴⁴. Ainda no início dos anos oitenta, com o incentivo de José António Ferreira de Almeida, estes dois docentes vão colaborar na primeira *História de Portugal* de grande divulgação, coordenada por José Hermano Saraiva e publicada com a chancela das Edições Alfa⁴⁵.

Mas o projecto de investigação que Armando Coelho se propunha desenvolver como tese de doutoramento - *A cultura Castreja no noroeste de Portugal*⁴⁶ - impunha a necessidade de realizar escavações em mais povoados. Assim, vai dirigir um conjunto de campanhas na Cividade de Âncora (1978-82), Coto da Pena (1980-83) e Cividade de Terroso (1980-82) que, juntamente com as realizados em parceria, se revelaram fundamentais para o sucesso da sua dissertação doutoral. Já Rui Centeno optou por realizar a sua dissertação de doutoramento na área da numismática antiga, carecida de sistematização para o noroeste peninsular, sempre em articulação com demais mundo romano⁴⁷.

A segunda metade da década de setenta foi ainda tempo privilegiado para o retomar da colaboração com os arqueólogos da Galiza, também eles a fazer caminho no pós-franquismo. Carlos Alberto Ferreira da Almeida, fruto da sua participação habitual em congressos espanhóis, havia estabelecido contactos com alguns arqueólogos da geração que ainda conviveu com López Cuevillas, como Fermín Bouza-Brey, Xoaquín Lorenzo Fernández, J. Filgueira Valverde, Casimiro Torres e os jovens que lhes sucederam, encabeçados por Alberto Balil, então na Universidade de Santiago. Não é por isso surpreendente que, com as mudanças políticas operadas nos dois países, seja também o principal impulsionador da aproximação entre os arqueólogos galegos e portugueses. Após algumas diligências iniciais, esta colaboração galaica foi formalizada com a realização de uma viagem de intercâmbio científico e cultural no domínio da Arqueologia, efectuada entre 15 e 18 de fevereiro de 1977, com a participação dos docentes de Arqueologia da Faculdade de Letras, a que se juntaram os investigadores Francisco Alves e António Huet Bacelar Gonçalves, bem como estudantes FLUP. Estas intensas jornadas permitiram o estreitamento de contactos pessoais ao longo de um

⁴⁴ Este castro estava referenciado, sobretudo, devido ao aparecimento, em 1843, de um tesouro de denários republicanos. Uma súmula dos trabalhos pode ser consultada em Rui Centeno - *O Castro de Romariz (Aveiro, Santa Maria da Feira)*. Santa Maria da Feira, 2011.

⁴⁵ SILVA, Armando Coelho F. da - A Idade dos Metais em Portugal. In *História de Portugal*, vol. 1, Lisboa: Alfa, 1983, pp. 101-147; CENTENO, Rui - A dominação romana. In *História de Portugal*, vol. 1, Lisboa: Alfa, 1983, p. 149-211.

⁴⁶ A tese foi defendida em 1986 e publicada no mesmo ano pela Câmara Municipal de Paços de Ferreira. Uma 2ª edição reformulada desta obra veio a lume em 2007, também editada pela autarquia pacense.

⁴⁷ CENTENO, Rui Manuel Sobral - *Circulação monetária no Noroeste de Hispânia até 192*. Porto: FLUP, 1987 (publicada pela Sociedade Portuguesa de Numismática, na série "Anexos Nummus", n.º 1, datada de 1987).

percurso iniciado em Santa Tecla, que prosseguiu por Vigo, Pontevedra, Santiago e Corunha, até Lugo⁴⁸.

A intensa troca de experiências e participação conjunta em trabalho arqueológico de docentes e estudantes das universidades do Porto e Santiago de Compostela então iniciada, bem assim como de investigadores de centros e museus, conduziu a mais essa encruzilhada de encontros que foi o I Seminário de Arqueologia do Noroeste (Guimarães 1979)⁴⁹, com segunda edição em Santiago de Compostela (1980)⁵⁰. Uma primeira síntese do avanço científico viria a ser feita no Colóquio Inter-universitário de Arqueologia do Noroeste⁵¹, que trouxe ao Porto e Faculdade de Letras, em 1983, sob o númen de Rui de Serpa Pinto, investigadores e docentes de várias universidades ibéricas, dez anos depois do III Congresso Nacional.

A década de oitenta abriu, no domínio do ensino, com a autonomização da Arqueologia, ainda como variante da licenciatura em História, no ano lectivo de 1980/81 (Portaria 271/81, de 16 de Março), o que acontecia pela primeira vez no país. Já no currículo a novidade era a disciplina anual de Arqueologia Medieval e a presença das Culturas Regionais Portuguesas, que se viriam a transformar posteriormente em Arqueologia Moderna e Contemporânea. Fechará com a também pioneira introdução do ensino pós-graduado, o primeiro Curso de Mestrado em Arqueologia a funcionar em Portugal, que arrancou no ano lectivo de 1989-90, com duração de quatro anos (Portaria nº 722/89, de 24 de Agosto). Este incremento da actividade lectiva obrigou à contratação de novos docentes (Teresa Soeiro, Mário Barroca, João Pedro Ribeiro, Carlos Alberto Brochado de Almeida e Maria de Jesus Sanches) e proporcionou a especialização do ensino e investigação, até por imperativo das provas académicas⁵².

Coube também a vários professores desta área a tarefa de integrar as sucessivas comissões nacionais que funcionaram junto dos organismos de tutela. Assim, quando

⁴⁸ Desta missão à Galiza foi redigido o *Relatório da viagem de intercâmbio científico e cultural no domínio da Arqueologia, à Galiza, realizada por um grupo de professores, investigadores e estudantes da Universidade do Porto (15 a 18 de Fevereiro de 1977)*, Porto, Março de 1977 (dactilografado).

⁴⁹ *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*. 3 vols. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1980.

⁵⁰ *Actas del II Seminario de Arqueología del Noroeste, Santiago de Compostela, 1980*, Madrid: Ministerio de Cultura, 1983.

⁵¹ Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste (Novembro, 1983). *Portugalia*, Porto, nova série, vol. 4/5 (1983-84).

⁵² Contratados ao abrigo do ECDU, realizaram Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica e doutoramento nesta Faculdade. SOEIRO, Teresa - *Monte Mozinho: Aparentamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana*. Porto: FLUP, 1984; idem - *O progresso também chegou a Penafiel: Resistência e mudança na cultura material*. Porto: FLUP, 1993. BARROCA, Mário Jorge - *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho: séculos V a XV*. Porto: FLUP, 1987; idem - *Epigrafia medieval portuguesa: 862 - 1422*. Porto: FLUP, 1995. RIBEIRO, João Pedro - *Contribuição para o estudo do Paleolítico do Vale do Lis no seu contexto crono-estratigráfico*. Porto: FLUP, 1987. ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de - *Proto-história e romanização da bacia inferior do Lima*. Porto: FLUP, 1987; idem - *Povoamento romano do litoral minhoto entre o Cávado e o Minho*. Porto: FLUP, 1996. SANCHES, Maria de Jesus - *Contribuição para o estudo da Pré-História recente do planalto mirandês*. Porto: FLUP, 1988; idem - *O abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no contexto da pré-história recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*. Porto: FLUP, 1995.

em 25 de Maio de 1981 é criada Comissão Nacional Provisória de Arqueologia, por despacho do Secretário de Estado da Cultura, para assegurar funções consultivas no âmbito da arqueologia, nomeadamente coordenando a política de investigação, protecção e salvaguarda do património arqueológico, Armando Coelho é designado como representante da Universidade do Porto⁵³. Anos mais tarde, em 1996, o mesmo professor será também nomeado para representar a Universidade na Comissão Inter-Universitária de Arqueologia, no âmbito do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP).

O ano lectivo 1995/96 ficou marcado para a comunidade da Faculdade de Letras pela mudança para as actuais instalações, onde a Arqueologia passou a dispor de um Laboratório de Conservação e Restauro. Mas se este ano de crescimento⁵⁴ consolidou a proposta de criação de um sector autónomo que reunisse a docência e investigação na área do património - Departamento de Ciências e Técnicas do Património⁵⁵ - também foi aquele em que vimos desaparecer subitamente Carlos Alberto Ferreira de Almeida, o seu primeiro subscritor. Armando Coelho Ferreira da Silva viria a ser o presidente eleito, cargo que posteriormente voltou a ocupar até à jubilação.

Em 1999 surge a Licenciatura de Arqueologia (Resolução nº 20/99, de 15 de Fev.; Aviso nº 3386/99, de 17 de Fev.), pelo que a FLUP foi a primeira instituição portuguesa a disponibilizar uma licenciatura autónoma, e também o Curso de Doutoramento em Arqueologia (Resolução nº 144/99, de 25 de Out.).

No domínio da investigação, desde a década de oitenta que os itinerários percorridos pelos diferentes docentes, tantas vezes com a colaboração de estudantes, se foram diversificando em temática, cronologia e abrangência territorial, tendência reforçada nos anos noventa.

Em Pré-história, os programas arqueológicos de campo são promovidos já por equipas que incluem não somente docentes como estudantes de mestrado e de doutoramento, destinam-se a perseguir novos objectivos gerados pela investigação anterior e/ou a abranger áreas do território de Trás-os-Montes e quase completamente desconhecidas. Destacam-se os projectos: *Génese e consolidação do sistema agro-pastoril em Trás-os-Montes e Alto Douro* (que inclui outras manifestações culturais associadas como a arte pré-histórica) a partir do qual se desenvolveram outros programas envolvendo estudos de arquitecturas da Pré-história recente⁵⁶ e em particular a dos recintos

⁵³ Todos os membros desta comissão solicitaram a sua demissão em 15 de outubro de 1984, sendo então Rui Centeno representante da UP.

⁵⁴ Entretanto foram contratados como docentes António Batista Lopes e, com a transferência de J. P. Ribeiro para Lisboa, Sérgio Monteiro Rodrigues. Ambos obtiveram os graus de mestre e doutor nesta escola. LOPES, António Baptista - *A cerâmica do Castro da Senhora da Guia (Baiões): tecnologia e morfotipologia*. Porto: FLUP, 1993; idem - *Proto-história e romanização: o Baixo Minho*. Porto: FLUP, 2003. LOPES, RODRIGUES, Sérgio E. Monteiro - *Contribuição para o estudo das indústrias líticas do vale do Caia: Alto Alentejo - Portugal*. Porto: FLUP, 1996; idem - *Pensar o Neolítico Antigo: contributo para o estudo do norte de Portugal entre o VII e o V milénios BC*. Porto: FLUP, 2008.

⁵⁵ Regulamentado em 1997 (Regulamento Interno nº 7/97, DR nº 257 de 6 de Novembro), com as secções de Arqueologia, História da Arte, Museologia e Ciências Documentais.

⁵⁶ Damos conta somente dos projectos mais abrangentes desenvolvidos pelos docentes de Pré-história da

murados ou lugares monumentalizados⁵⁷, bem como a valorização e musealização de sítios, vertente que no final da década é, também por razões conjunturais, comum a outras áreas do país. No âmbito destes programas desenvolveram-se, até 2012, amplas escavações na região de Mirandela - Murça (particularmente na Serra de Passos/Santa Comba -Mirandela e Crasto de Palheiros - Murça), e na de Vila Nova de Foz Côa, com os sítios de Castelo Velho de Freixo de Numão, de Castanheiro do Vento e Prazo. Foram escolas de campo amplamente frequentadas por estudantes de várias nacionalidades, destacando-se, contudo, como locais de aprendizagem para estudantes de licenciatura, mestrado e doutoramento da FLUP, que produziram, nesse âmbito, várias dezenas de trabalhos académicos, entre seminários de licenciatura, dissertações de mestrado e teses de doutoramento.

Também para a arqueologia das épocas proto-histórica e romana se assistiu na década de noventa ao aparecimento de projectos de grande dimensão, envolvendo financiamentos muito significativos, comparticipados por fundos comunitários, em que participaram alguns docentes da Faculdade de Letras.

Sob a direcção de Armando Coelho e Rui Centeno, um destes programas pioneiros iniciado em 1992 permitiu a realização de amplos trabalhos de escavação, conservação e limpeza na Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira), com destaque para a reconstrução etnoarqueológica de um núcleo habitacional, acções complementadas com a construção de uma unidade de apoio aos visitantes desta estação, a reformulação do Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins e ainda a edição de diverso material de divulgação. Esta operação transformou a Citânia de Sanfins num dos sítios arqueológicos mais qualificados do noroeste⁵⁸.

Estes dois professores desenvolveram ainda outros projectos relacionados com diversos sítios arqueológicos e museus no norte do país, como o referente ao Castro de Romariz, iniciado em 1980, mais tarde integrado no programa concelhio que conduziu à criação do Museu Convento dos Lóios, de Santa Maria da Feira, inaugurado em 2009⁵⁹.

FLUP (Vitor Oliveira Jorge; Susana Oliveira Jorge, Maria de Jesus Sanches e Sérgio Monteiro-Rodrigues), ainda que frequentemente em colaboração com outros investigadores e/ou entidades: *Pré-história Recente no Leste de Trás-os-Montes: Planalto Mirandês e médio vale do rio Tua :1987-1992. Estudo do Castelo Velho de Freixo de Numão - V. N. Foz Côa: 1989-1993. Génesis e consolidação do sistema agro-pastoril em Trás-os-Montes e Alto Douro: 1992-1995. Estudo e valorização de sítios arqueológicos na área de Freixo de Numão:1998-2012. Crasto de Palheiros. Projecto de estudo arqueológico, de valorização e de divulgação de uma estação arqueológica monumental ocupada no Calcolítico e na Idade do Ferro - 2001-2003 e 2007-8.*

⁵⁷ O termo “recintos murados” ou “lugares monumentalizados”, defendido pela primeira vez por Susana Oliveira Jorge na sua lição para a obtenção do título de Agregado, corresponde a um conceito arquitectónico, de organização do espaço e de contextualização política e social que se demarca em termos de paradigma daquele de “povoado fortificado”. JORGE, Susana Oliveira - Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular. *Revista da Faculdade de Letras - História*. Porto, 2ª série, vol. 11 (1994), p. 447-546.

⁵⁸ Entre o diverso material publicado (desdobráveis, coleções de diapositivos e de postais), destaca-se o livro de Armando Coelho Ferreira da Silva - *Citânia de Sanfins. Catálogo do Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal, 1999.

⁵⁹ CENTENO, Rui M. S.; OLIVEIRA, Ana José - *Roteiro do Museu Convento dos Lóios*. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal, 2008; CENTENO, Rui M. S. - *O Castro de Romariz (Aveiro, Santa Maria da*

Igualmente digno de nota foi o projecto de arqueologia experimental, coordenado por Armando Coelho, sobre os balneários castrejos, materializado em exposição ocorrida em Lisboa, no Museu Nacional de Arqueologia⁶⁰.

Ainda na última década do século XX e com valências similares ao programa da Citânia de Sanfins, Carlos Alberto Brochado de Almeida liderou um projecto de estudo, salvaguarda e valorização no Castro de São Lourenço (Vila Chã, Esposende), onde desde os anos oitenta vinha desenvolvendo trabalhos de investigação, com destaque para a reconstrução de algumas estruturas habitacionais que se tornaram num novo pólo de atracção deste sítio arqueológico⁶¹. No Castro de Monte Mozinho, começado a escavar sistematicamente por Carlos Alberto Ferreira de Almeida em 1974, os trabalhos de arqueológicos e de preservação passaram, entre 1981 e 1998, para a direcção de Teresa Soeiro. O projecto de recuperação de toda a área intervencionada, executado pela autarquia e apoiado por fundos europeus, ficou terminado nesse último ano, bem como as primeiras infra-estruturas de acolhimento ao visitante e materiais de divulgação, sendo apresentadas no decurso do colóquio de homenagem ao referido professor organizado pelo Museu Municipal de Penafiel⁶². Novos equipamentos e acções de divulgação foram desenvolvidos ao abrigo de posteriores quadros comunitários.

Em 2013, a área da Arqueologia Clássica, depauperada pela jubilação de Armando Coelho F. da Silva, viu-se reforçado pela entrada de Rui Morais, o que permitiu uma nova dinâmica no ensino da história antiga e em particular na investigação ceramológica e na abordagem transdisciplinar aos sítios e materiais⁶³.

No domínio da Arqueologia Medieval⁶⁴, que tivera como projecto pioneiro a proposta de estudo da castelologia do norte de Portugal lançada por Carlos Alberto Ferreira de Almeida com a colaboração da primeira geração de estudantes que frequentaram a disciplina, coube a um deles, Mário Barroca, prosseguir e redimensionar o intento, não só pela realização de diversas escavações (Castelo de Aguiar da Pena;

Feira). Santa Maria da Feira, 2011.

⁶⁰ SILVA, Armando Coelho Ferreira da – *Pedra formosa. Arqueologia experimental – Vila Nova de Famalicão*. Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal e Museu Nacional de Arqueologia, 2007.

⁶¹ ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de; CUNHA, Rui M. Cavalheiro da - *O Castro de S. Lourenço, Vila Chã – Esposende*. Esposende: Câmara Municipal, 1997

⁶² SOEIRO, Teresa - *Monte Mozinho. Sítio arqueológico*. Penafiel: Museu Municipal de Penafiel, 1998 [2ª ed. em 2005]; idem (coord.) - *Monte Mozinho: 25 anos de trabalhos arqueológicos*. Painel de Estudos (Penafiel, 17-18 de Abril de 1998). *Cadernos do Museu*. Penafiel, vol. 2 (1998).

⁶³ Integra, desde 1997, o projecto *Salvamento da cidade romana de Bracara Augusta*, da responsabilidade da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Já na Faculdade de Letras do Porto, tornou-se responsável pelo projecto *Diálogo entre Ciências - Análise multidisciplinar das condições de ancoragem durante o período Romano (Esposende)* PTDC/EPH-ARQ/5204/2012. É ainda membro dos projectos de investigação *Campamentos y territorios militares en Hispania - HAR 2011-24095*, da responsabilidade de Ángel Morillo Cerdán, da Universidade Complutense de Madrid, e do projeto *Changing landscapes. Bracara Augusta and its territory (I-VII centuries)* PTDC(HIS-ARQ/121136/2010, coordenado por Manuela Martins, da Universidade do Minho.

⁶⁴ FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira - *Arqueologia medieval em Portugal: 25 anos de investigação. Portugalia*. Porto, nova série, vol. 26 (2005), p. 149-173.

Eremitério rupestre de Sabariz; Torre de Vasconcelos; Museu Alberto Sampaio), como desenvolvendo de forma sistemática a investigação, de campo e documental, com particular incidência nas áreas da epigrafia medieval e da história militar, nomeadamente em castelologia medieval portuguesa (desde as origens até ao processo de transição para as fortificações modernas), armamento medieval e residências senhoriais fortificadas⁶⁵. Estas são também as temáticas tratadas pelos estudantes que orienta para a obtenção dos diferentes graus académicos e como bolseiros pós-doutoramento.

Dissemos antes que a Arqueologia Histórica entrou pela primeira vez nos currículos universitários portugueses na FLUP, adoptando a designação Arqueologia Moderna e Contemporânea, na sequência no anterior ensino de Culturas Regionais Portuguesas. Esta área de leccionação foi atribuída desde início a Teresa Soeiro, que também a elegeu para doutoramento. Direcção a investigação principalmente para o estudo do território, das actividades económicas e da tecnologia nas épocas moderna e contemporânea, temáticas em que orienta estudantes de pós-graduação. Em simultâneo, dirigiu ou participou em projectos de inventário, musealização e valorização de âmbito regional, em especial dirigidos à história local e ao património vernacular⁶⁶.

*

No final de 2012, quando alguns dos professores acima mencionados já deram por terminadas as suas funções na Faculdade e outros esperavam fazê-lo em breve, o ensino da arqueologia continua, nos três ciclos, a ser procurado pelos jovens e a

⁶⁵ BARROCA, Mário Jorge - Do castelo da reconquista ao castelo românico (Séc. IX a XII). *Portugalia*. Porto, nova série, vol. 11-12 (1990-91), p. 89-136; - A Ordem do Templo e a arquitectura militar portuguesa do Séc. XII. *Portugalia*. Porto, nova série, vol. 17-18 (1996-97), p. 171-209; - Tempos de resistência e de inovação: a arquitectura militar portuguesa no reinado de D. Manuel I (1495-1521). *Portugalia*. Porto, nova série, vol. 24 (2003), p. 95-112; - Fortificações e povoamento no Norte de Portugal (Séc. IX a XI). *Portugalia*. Porto, nova série, vol. 25 (2004), p. 181-203; - Da reconquista a D. Dinis, 1ª Parte, In MATTOSO, José (coord.) - *Nova História Militar de Portugal*, vol. 1, Lisboa: Círculo de Leitores, 2003; - *Pera Guerrejar: armamento medieval no espaço português*, Coord. de M. J. Barroca e João Gouveia Monteiro. Palmela: Câmara Municipal, 2000; - Torres, casas-torres ou casas-fortes. A concepção do espaço de habitação da pequena e média nobreza na Baixa Idade Média (séc. XII-XV). *Revista de História das Ideias*. Coimbra, vol. 19 (1998), p. 39-103.

⁶⁶ SOEIRO, Teresa - Penafiel: o Tâmega de ontem. *Penafiel: Boletim Municipal de Cultura*. Penafiel, 3ª série, vol. 4/5 (1988/89), p. 95-253; - *Penafiel*. Lisboa: Editorial Presença, 1994; - A indústria de mortalhas em palha de milho no concelho de Penafiel. *Cadernos do Museu*. Penafiel, vol. 1 (1995); - Lagares de azeite no concelho de Penafiel. *Portugalia*. Porto, nova série, vol. 17-18 (1996/97), p. 219-244; - *Fainas do mar: vida e trabalho no litoral Norte*. Porto: CRAT, 1999 (em col. F. Calo Lourido); - Dias festivos: O Corpo de Deus em Penafiel. *Cadernos do Museu*. Penafiel, vol. 6-7 (2000/01) (coord.); Douro, um rio de vida. In *Viver e saber fazer: Tecnologia tradicional na Região do Douro. Estudos preliminares*. Peso da Régua: Museu do Douro, 2003, p. 359-413; - Pauzeiros, tamanqueiros, sapateiros e ofícios correlativos. *Cadernos do Museu*. Penafiel, vol. 8/9 (2004), p. 7-76; - Ofícios e tradições do Douro, in PEREIRA, Gaspar Martins (dir) - *As águas do Douro*. Porto, 2008, p. 155-197; - Território e materialidades, do fim do Antigo Regime à República. In *Marco de Canaveses. Perspectivas*. Marco de Canaveses: Câmara Municipal, 2009, p.185-247; - *A Rua do Burgo de Entre-os-Rios*. Penafiel: Museu Municipal/Ed. Cão Menor, 2013.

formar profissionais informados. Por seu lado, as linhas de investigação activas, não abandonando o desígnio específico, voltaram a convergir para uma nova encruzilhada, despoletada pela vontade assumida pela actual direcção de tornar a diversidade dos saberes numa mais-valia, em conjugação com as solicitações recebidas da sociedade, como ocorreu com o pedido para que fosse estudado o caso de Picote (Miranda do Douro), em busca de uma leitura integrada da sua história e património na mais longa diacronia. Assim nasceu o HistPP, projecto *História do Povoamento de Picote*, experiência inovadora que envolve todos os docentes, estudantes pós-graduados e jovens portugueses e estrangeiros que o queiram partilhar com a população e o poder local, fortemente empenhados em interpretar, preservar e valorizar o património que é de todos, apesar do contra-ciclo de investimento cultural que vivemos.

O ensino e a investigação em arqueologia na Faculdade de Letras U.P. são um legado que queremos manter actual e dinâmico, honrando todos os que com ética e resiliência o construíram. Hoje dedicámo-lo a Armando Coelho Ferreira da Silva, que a 9 janeiro de 2013 atingiu a jubilação.